

**ENTRE PERMANECER E PARTIR:  
UMA LEITURA DO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”**

*Elis Angela Franco Ferreira Santos (UEFS)*

[elis.arte22@gmail.com](mailto:elis.arte22@gmail.com)

*Antônio Gabriel Evangelista de Souza (UEFS)*

**Ser livres e não termos mais tédio:  
eis o que buscamos  
na terceira margem,  
onde nos ancoramos  
perdidos.  
(pois estamos todos perdidos  
neste imenso rio  
de tão longas beiras)**

**(Idmar Boaventura)**

Considerado como um dos escritores brasileiros que mais se dispôs a renovar a língua literária no século XX, Guimarães Rosa (1908-1967) revelou em suas narrativas uma intensa exploração das potencialidades dos discursos, além da preocupação com a qualidade estética de seus textos. Sua escrita regionalista, longe de abarcar apenas a temática da cor local e dos problemas sociais, apresenta também temáticas universais. Em seu projeto literário, o escritor mineiro recria o mundo a partir de aspectos antagônicos como a questão fronteiriça entre universal e local, tempo e espaço, sanidade e loucura. Foi através da renovação e reinvenção da linguagem que Rosa conseguiu, seguindo os passos do regionalismo explorado por escritores de diferentes gerações, elevar a nossa literatura a níveis de altíssima qualidade.

“Espécie de divisor de águas e de realizador das altas ambições do Modernismo” (MOISÉS, 2007, p. 570), o mineiro de Cordisburgo, homem conhecedor de várias línguas e países, estreou literariamente em 1946, ao publicar o livro de contos *Sagarana*, conquistando o respeito e a admiração da crítica que já enfatizava a originalidade da linguagem utilizada por Rosa, além de suas técnicas narrativas que apresentavam um diferencial em relação à tradição regionalista brasileira. Ele investiu em reordenações linguísticas no plano da sintaxe e do léxico para dar voz ao sertanejo; restabeleceu termos arcaicos, produzindo neologismos e tomando palavras emprestadas de outros idiomas, tudo isso no intuito de

criar uma linguagem rítmica, uma prosa poética carregada de imagens, metáforas e outros recursos comuns à poesia.

Em seus textos, percebe-se uma grande capacidade do escritor em transpor os espaços regionais que compõem suas narrativas, ao plano das temáticas universais, como é o caso do romance *Grande Sertão: Verdades*, considerado sua obra mais importante. Neste, Rosa utiliza-se do cenário e personagens sertanejas para, através deles, refletir sobre temáticas inquietantes como bem/mal, Deus/diabo, amor/ódio, a descoberta do mundo pelas crianças etc. Sua capacidade de vasculhar as profundezas da alma humana, captando as inquietações e conflitos existenciais, transformou-o em um grande nome da literatura universal e aquele que representa uma síntese das experiências formais e ideológicas da geração literária do século XX no Brasil.

A proposta deste trabalho é fazer uma leitura do conto “A terceira margem do rio”, observando a contemplação, experiência e resgate da memória do personagem-narrador, além do deslocamento do personagem Pai como representativo da fuga das realidades sólidas e aparentes para um espaço de novas possibilidades (o rio).

Após quase cinquenta anos de lançamento do livro *Primeiras Estórias* (1962), algo de inquietante permanece na leitura do conto “A terceira margem do rio”. Tentar desvendar qual é essa outra margem que Guimarães nos sugere é se colocar como habitante deste rio que é o próprio texto rosiano, com toda fluidez e movimento que a linguagem nos oferece. No entanto, é necessário atenção para cada palavra que margeia o texto aqui estudado, na tentativa de desvelar o sentido expresso tanto na fala do narrador, quanto no silêncio do personagem que vive a experiência do acontecimento narrado.

O significado metafórico da terceira margem aponta para o processo de descoberta que só pode ser realizado se houver a capacidade de abandonar o que está estabelecido, na tentativa de vivenciar novas possibilidades. A terceira margem se apresenta não como um lugar além, mas como um entrelugar, disposto na posição intermediária entre o velho e o novo; entre o que se é e o que se vislumbra enquanto possibilidade. A busca incansável do homem por um estágio de transcendência que pode ser experienciado, mas quase nunca transmitido através da linguagem.

O título do conto aqui analisado sugere que exista uma terceira margem para o rio. Sabe-se que um rio tem apenas duas margens, então, como compreender a ideia rosiana que parte de uma inverdade? Certa-

mente, a terceira margem não pode ser entendida aqui de forma racional, lógica. É no plano da linguagem figurativa que ela está colocada; como metáfora representativa não de um lugar, mas de um estado emocional, psicológico e por que não espiritual?

Para Chevalier e Gheerbrant (1999), o número três apresenta uma ideia de ordem, completude. Sendo o primeiro resultado de uma soma (1 + 2), ele surge para resolver o conflito entre dois desiguais. No texto estudado, pode-se inferir que a terceira margem é o lugar em que o externo (os padrões sociais) e o interno (os desejos subjetivos) se encontram, na tentativa de solucionar os possíveis conflitos. Para possibilitar o encontro entre esses dois opostos, é necessário romper com as concepções existentes, ainda que a atitude transgressora seja vista como insana e desvairada.

É nesse sentido que o personagem-narrador descreverá a experiência do pai como algo que foge da normalidade, pois o “pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo” (ROSA, 2001, p. 79), atuando dentro dos padrões de sanidade aceitos pelo grupo social a que pertencia, o que estava configurado tanto através das lembranças dele: “do que eu me lembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros” (ROSA, 2001, p. 79), quanto “pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas” (ROSA, 2001, p. 79). A rotina do pai é interrompida a partir da iniciativa que ele teve de mandar fazer uma canoa.

Encomendou a canoa *especial*, de pau de vinhático, mal com a tabuinha da popa, *como para caber justo o remador*. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida *forte* e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. (ROSA, 2001, p. 79, grifos nossos)

A atitude do pai causa estranhamento aos familiares, justamente por contrariar a ordem e se afastar do comportamento ‘exemplar’ e tradicional: “todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira” (ROSA, 2001, p. 80). Diante da atitude do pai, encarada pelos familiares como imprudente e insana, a mãe contrapõe-se ao silêncio do marido e tenta restaurar a ordem através de um discurso imperativo, como para justificar que a última palavra era a dela: “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*” (ROSA, 2001, p. 80). Dos três filhos, apenas o narrador interessou-se em partilhar a experiência com o pai, porém, não teve a autorização dele para partir. É através do processo de resgate da memória que ele tenta organizar suas lembranças em busca de compreender a atitude do pai e o que essa atitude representou de significativo em sua própria vida: “Sou homem de tristes palavras”. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? (ROSA, 2001, p. 84).

É para o espaço do silêncio, da solidão, mas também da liberdade, que o leitor é conduzido através do personagem-filho em seu processo de observação da fluidez da passagem do tempo. A narrativa inicia-se com a lembrança que o filho tem da personalidade do pai, um homem cumpridor de seu papel social, virtuoso no cumprimento das regras impostas pela sociedade, mas que um dia resolve romper com o modelo tradicional, despedindo-se de todos, e partindo em sua canoa pelo imenso rio. Para Iolanda Cristina dos Santos,

O homem de “A terceira margem do rio” é o alimento da vida contemplativa, ao mesmo tempo que se nutre dela, vencendo a realidade da ação. Vencida pelos gestos do contemplar, a ação se recolhe, imersa nas águas, para, em seguida, emergir revestida do silêncio próprio da contemplação. Para ver esse homem, potencializado no seu espírito contemplativo, é preciso revestir-se também do sentimento do quase invisível ou impossível que é a terceira margem em que ele se encontra. (SANTOS, s/d, p. 3)

Mesmo diante das intervenções de parentes e amigos, o pai segue “avistado ou diluso, cruzando a canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala” (ROSA, 2001, p. 81-82). Observemos o significado da palavra diluso para Teresinha V. Zimbrão da Silva:

“diluso” é um neologismo formado por “dis”, negação, e “lusus” do verbo “ludere”, iludir. O pai é, portanto, um “não iludido” pelo mundo de aparências, pelo mundo da persona. Pressentiu além, o mundo das essências, deu então às costas ao já conhecido “lado de cá” e iniciou sua travessia para o desconhecido “lado de lá” (SILVA, s/d, s/p)

Faz-se necessário observar com atenção para a seleção vocabular na descrição da construção da canoa. A canoa escolhida pelo pai não pode ser qualquer uma. Deve ser especial, exclusiva (valorização da individualidade), forte (pois sabe que o processo de busca é longo). E a exclusividade parte do princípio de que, como nova habitação, não deve ter espaço para ideias e opiniões dos outros, pois foi feita “como para caber justo o remador”, revelando a importância da solidão na busca do conhecimento sobre si. Uma narrativa primorosa em que o escritor aborda metaforicamente aspectos intrigantes da vida humana: origem, destino e travessia.

A narrativa de “A terceira margem do rio” nos surpreende por insinuar uma partida que não aconteceu em termos de espaço físico: “Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (ROSA, 2001, p. 80). O que o pai faz é desvincular-se do convívio com a sociedade sem, contudo, desprender-se

totalmente do passado, ou seja, não avança para o desconhecido. Sua atitude é de contemplação do lugar ocupado anteriormente.

A escolha do rio como refúgio para pai não é aleatória. Rosa bem que poderia escolher outro espaço, mas optou pela água por compreender seu significado de mobilidade. Para Chevalier e Gheerbrant (1999), a água representa a infinidade dos possíveis. É na experiência do transitório do rio que o movimento da vida é contemplado e compreendido, embora aqueles que observavam o pai não entendessem sua atitude e o considerasse insano e a família abolisse do seu convívio a palavra loucura: “Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido” (ROSA, 2001, p. 84). Assim, o pai

Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tento, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. (ROSA, 2001, p. 82)

O aparente distanciamento do mundo, em que a solidão ganha uma amplitude extrema, é representado pelo total abandono ao rio, sem sequer notar o seu ir e vir. A ausência de luz reflete o mergulho pelas regiões mais profundas da alma, a busca pela liberdade através da fuga das aparências e o intuito de descobrir qual rumo seguir. Ao romper com o cotidiano, o pai insere o mistério na vida familiar e esta acaba por criar outras margens em sua própria rotina, em que o tempo é marcado pela sucessão de nascimentos e mortes. Enquanto o pai faz sua travessia abandonando-se ao rio, o filho abandona a travessia, optando por ser apenas margem.

A experiência realizada pelo pai trouxe consequências para o filho. Ele foi o único da família que não seguiu o curso de sua vida, optando, assim, por permanecer contemplando o pai até o fim, afastando-se igualmente da vida em sociedade e fazendo de sua existência um eterno esperar e recordar. Aos personagens desta narrativa já não importam os nomes, o que interessa são os papéis que cada um cumpre, no sistema social em que estão inseridos: é a mãe quem rege a família, ou seja, está destinada ao espaço interno da casa; por ser criança, o personagem-narrador é impedido de partir com o pai, não amadurecendo o suficiente para ocupar o lugar dele no futuro.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos

tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei [...]. (ROSA, 2001, p. 83-84)

O narrador justifica sua presença afirmando que o pai necessitava dele, mas, ao que tudo indica, era ele quem precisava da presença do pai para compreender o que havia ficado para trás. Enquanto o pai abdica das certezas e escolhe permanecer no movimento infindo do rio, ele permanece na margem já conhecida, observando o processo de transcendência do pai. Apesar de isolar-se do mundo, o filho não viveu o processo de libertação, já que passou a viver apenas das lembranças: “Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos” (ROSA, 2001, p. 82).

O narrador de “A terceira margem do rio” faz uma fusão entre passado e presente, abstraindo-se do presente ainda sonha o passado, mas sem vislumbres de futuro. O eixo temporal da narração é presente-passado. Por meio deste eixo o narrador mantém viva a teia das recordações, como se tratasse de um trabalho ao qual tenha optado por se dedicar. (SANTOS, s/d, p. 5)

Após anos de contemplação e tentativa de compreender a atitude do pai, o filho sente a necessidade de trocar de lugar com ele e ocupar a canoa, porém, quando a oportunidade lhe é cedida, falta-lhe coragem para abandonar a estabilidade da margem e se aventurar na possibilidade de transcendência, pois o medo do desconhecido o fez recuar e optar por pela solidez conhecida da margem:

Ele me escutou. Ficou de pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordando. E eu temi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá. Num procedimento desatinado. (ROSA, 2001, p. 85)

O que se sucede ao fato narrado é um pedido de perdão ao pai. Pedido que representa o arrependimento por não ter conseguido nem ocupar seu lugar na sociedade, exercendo seu papel de homem produtivo e ativo, nem foi capaz de buscar a libertação em outras possibilidades de realização. Mas, mesmo não tendo coragem de aceitar o convite e se entregar ao desconhecido do rio, o narrador compreende que a plenitude só seria encontrada nas profundidades do rio: “sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos ramos do mundo” (ROSA, 2001, p. 85) e segue pedindo que ao morrer “me depositem também numa canoinha de nada, que não para, de longas beiras: e eu, rio abaixo, rio afora, rio a dentro – o rio” (ROSA, 2001, p. 85).

A leitura e análise de “A terceira margem do rio” revelam uma narrativa construída a partir do insólito. Ao escolher a metáfora da terceira margem para representar a atitude de busca e autoconhecimento, Rosa cria o espaço das novas possibilidades, além de colocar em cena a questão da dinâmica da vida, através da maleabilidade da água. O rio surge como espaço de transcendência, pois é nele que o personagem pai se coloca em atitude contemplativa, tendo como companhia apenas a solidão e o silêncio.

Ao deixar-se conduzir pela fluidez da água em constante movimento, o pai permite-se refletir sobre sua própria existência, fazendo com que o filho também se coloque como um contemplador, dedicando toda a sua vida na tentativa de compreender os motivos da escolha feita pelo pai, além de esperar que o pai partilhasse com ele dessa experiência. Enquanto o personagem pai representa a ruptura, o filho simboliza a permanência, já que não conseguiu avançar nem para o estado de transcendência experienciado pelo habitante do rio, nem ocupar seu lugar na sociedade. Ao filho foi dada a oportunidade de continuar na canoa e fazer sua própria experiência, porém faltando-lhe a maturidade necessária, optou por permanecer na margem conhecida, em atitude de recordação de um passado que não chegou a compreender e que, por isso, não gerou para ele um modelo a ser seguido.

“A terceira margem do rio” nos faz refletir, também, sobre a linguagem de Rosa. Uma linguagem que ocupa a terceira margem, pois se afasta da linguagem comum; é estranha e por isso mesmo sedutora; carrega uma aura de mistério através de um movimento que se afasta e se aproxima do já conhecido. Em sua ritmicidade, a narrativa rosiana conduz o leitor para o espaço do rio, para o espaço da própria maleabilidade da linguagem, e nos faz adentrar nas profundezas desse rio que é o texto, ainda que, diante dele, a nossa sensação seja, simultaneamente, de estranhamento e pertença.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2007.

ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Iolanda Cristina dos. Memória e contemplação em “A terceira margem do rio”. *2º Encontro de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ*, Rio de Janeiro. 21 a 23 out. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/ciencialit/encontro.htm>>. Acesso em: 27-02-2012.

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. *A terceira margem*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/03/artigo-1a1.pdf>>. Acesso em: 25-05-2012.